

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p6>

O ASSALTO À DEMOCRACIA, GOLPE E “JOGO SUJO”¹ E “O JOGO CADA VEZ MAIS SUJO”² NA “REPUBLIQUETA DAS BANANAS”: O Brasil *não é sério!*

*(...) não é sério, não é sério
Sempre quis falar
Nunca tive chance
Tudo que eu queria
Estava fora do meu alcance
Sim, já
Já faz um tempo
Mas eu gosto de lembrar*

*Cada um, cada um
Cada lugar, um lugar
Eu sei como é difícil
Eu sei como é difícil acreditar
Mas essa porra um dia vai mudar
Se não mudar, pra onde vou
Não cansado de tentar de novo
Passa a bola, eu jogo o jogo³*

Na edição passada, nosso editorial tinha o seguinte título: “**O Congresso Nacional, a Mídia, as questões de gênero no limiar da primavera das Mulheres**”. Ali o “jogo sujo” denunciava a tentativa de “impeachment” da Presidenta Dilma como um golpe à democracia. A destruição do Estado de Direito já estava posta na mesa de jogo dos golpistas neoconservadores, antes mesmo das eleições presidenciais de 2014 e logo após a derrota dos tucanos naquela

eleição. No referido editorial já anunciávamos quais as regras que fundamentavam a ética na política do jogo antidemocrático até então:

De fato, estamos vivendo um momento emblemático na vida política e social do país, depois de 12 anos de avanços significativos nas políticas públicas de cunho social. Nessa conjuntura, se destacam o diagnóstico da crise e a cobertura da mídia burguesa e, aliado a

-
- 1 JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo! O mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.
 - 2 JENNINGS, Andrew. **Um Jogo cada vez mais Sujo**: o padrão FIFA de fazer negócios e manter tudo em silêncio São Paulo: Panda Books, 2014.
 - 3 Trecho da música “Não é sério” de Charlie Brown Jr.. <http://www.vagalume.com.br/charlie-brown-jr/nao-e-serio.html#ixzz47K6d4wyC>

esse fenômeno o crescimento do horizonte sombrio do conservadorismo do Congresso Nacional, especialmente, na Câmara dos Deputados, tendo à frente a figura nefasta do seu presidente, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Com efeito, de acordo com analistas políticos, esse Parlamento é o mais conservador desde 1964. Há, neste sentido, o “avanço” da “vanguarda do atraso” composta, fundamentalmente, pela chamada bancada BBB: *bíblia* (pastores fundamentalistas), *boi* (agronegócio) e *bala* (ligada diretamente à polícia e às empresas de segurança, ao aparato repressivo e contra o estatuto do desarmamento). De acordo com o Levantamento do DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), essa “bancada do conservadorismo” é composta por 251 deputados eleitos. A bancada ruralista é composta por 153 deputados; a bancada evangélica, por 75, e a bancada da regressão, por 23⁴.

Grosso modo, alertávamos para o retrocesso da democracia, cujas consequências recairiam para a constituição da “cidadania em construção”. Esse retrocesso significa uma ameaça à nossa jovem democracia, conquistada à duras penas, e, portanto, se constituindo num desafio essencial para reorganização das forças progressistas. Nesse contexto, já estava em curso a «onda de conservadorismo» que, de lá para cá, foi se amalgamando, com a participação indecorosa da mídia empresarial, e dando consistência ao chamado «ódio de classe» (ódio ao programa Bolsa Família), de raça/etnia (críticas duras às cotas de negros nas universidades), aliado a questões de

gênero, como, por exemplo, a homofobia e o Projeto 5.069/13 que, se aprovada pela Câmara dos Deputados, poderia dificultar o acesso das mulheres vítimas de estupro aos procedimentos abortivos previstos em lei.

Ainda no editorial anterior, argumentamos que esse processo de regressão civilizatória pode ser chamado também de “modernização conservadora”, uma vez que, de forma violenta, busca articular “as forças sócias neoliberais, neoconservadores, conservadores, religiosos, autoritários e populistas”⁵. O fenômeno traz à tona uma ideologia rasa que se manifesta nas ruas, nas famílias, nos espaços escolares, nas igrejas, nos órgãos governamentais, enfim, nas instituições de modo geral, pregando em nome de um neopentecostalismo a “defesa da família, da moral e dos bons costumes”. Esses valores são veiculados, principalmente, por lideranças religiosas na mídia e nas redes sociais, expressando muitas vezes um tratamento agressivo, intolerante e violento; além de, fomentar estigmas e preconceito, sobretudo de gênero.

Todo esse jogo sujo traz consigo a ética neoliberal, que diuturnamente é alardeada e ideologicamente veiculada na mídia nos meios tradicionais e nas redes sociais, tendo como pano de fundo aquilo que os economistas críticos ao conservadorismo chamaram de «diagnóstico terrorista da crise»⁶. Esse diagnóstico, forjado pelas bancadas neoliberais assumidas ou não, evangélicos e ruralistas, e beneficiado pelo poder de manipulação ideológica

4 <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Um-horizonte-sombrio-com-o-conservadorismo-do-Congresso-reducao-da-maioridade-e-o-1%25BA-ato/4/33146>

5 APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luis A. **Educação Crítica: Análise Internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 22.

6 LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Editorial: Dançando conforme a música**. Ano 9, no. 100, 2015

dos discursos da mídia empresarial, tem como meta o reordenamento dos despojos do neoliberalismo e a ideologia do Estado Mínimo. Nesse sentido, a agenda conservadora se impõe e continua a suprimir o debate de idéias, aumentando a cada dia o tom de desqualificação das críticas que procuram problematizar historicamente as crises do capital na vida econômica e social brasileira. Portanto, é nesse imbróglcio entre os descaminhos do Governo de Dilma Roussef e o “golpismo” da oposição leviana do PSDB e demais partidos à direita, que se situa o perigo de uma interrupção do processo da “cidadania em construção”⁷.

A Motrivivência tem por tradição trazer em seus editoriais um posicionamento crítico como registro temporal da situação social vivida pelo país a cada momento de publicação de uma nova edição.

Por isso, nesta edição, temos que, lamentavelmente, admitir que o “jogo continua mais sujo”, consolidando-se de maneira arbitrária, como um autêntico golpe de Estado jurídico-parlamentar-empresarial já praticamente consolidado. Mas, antes mesmo de traçar um panorama da situação política atual, cumpre esclarecer sobre os significados das expressões contidas no título deste editorial, a saber: “republiqueta das bananas”⁸, “jogo sujo”, “o jogo continua sujo”. De fato, considerando os rituais espetacularizados protagonizados pela mídia

burguesa, pela inexplicável apatia social e política do STF e pela ridícula sessão da Câmara dos Deputados que, de modo bizarro e vergonhoso, rasgou a Constituição Federal. Esses episódios tiveram como efeito a recuperação da idéia de “republiqueta das bananas”, cujas imagens de seus conteúdos ético-políticos, fez com que, parte da opinião pública nacional e internacional, passasse a nos ver como um país que “não é sério”, conforme os versos da música que abre o editorial.

Com efeito, a expressão “república das bananas” é um termo pejorativo usado para representar simbolicamente um país normalmente latino-americano, politicamente instável, submisso e atrelado cultural, econômica e politicamente a um país rico e frequentemente com um governador corrompido e opressor. Sua economia é em grande parte dependente da exportação de um único produto limitado de recursos, tais como bananas. Normalmente tem classes sociais estratificadas, incluindo uma grande e empobrecida classe trabalhadora e uma plutocracia que compreende as elites de negócios, política e militares, embora o nível de desigualdade social fosse relativo em comparação com alguns países de primeiro mundo da atualidade. Esta oligarquia político-econômica controla as produções do setor primário e, assim, explora a economia do país⁹. O termo foi cunhado por O. Henry, um humorista e cronista estadunidense. Originalmente, o termo referia-se a Honduras e foi apresentado no livro de contos curtos “Cabbages and Kings”, de 1904, ambientados na América

7 LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Editorial**. Ano 9, no. 100, 2015

8 Ver capa e reportagens da revista “Carta capital”, 27 de abril de 2016, Ano XXII, no. 898.

9 https://pt.wikipedia.org/wiki/República_das_Bananas

Central. República, nessa época, era também um eufemismo de ditadura¹⁰.

Como se pode inferir tudo conspira para a destruição da democracia em prol de possível retrocesso a uma ditadura neoliberal que, dispensando a intervenção militar tradicional, reveste o golpe de uma pseudonormatividade. É um momento delicado para a república, que pode trazer sérios danos, não só para o Brasil, mas também para os diversos países da América latina, onde esse novo tipo de golpe de Estado já foi consolidado (Argentina, Paraguai, Honduras, Venezuela).

A expressão “Jogo Sujo”, usada no livro homônimo pelo jornalista britânico Andrew Jennings, aborda sobre os bastidores e a corrupção da FIFA. Com uma narrativa fluída e de caráter informático-opinativo, Jennings aborda o surgimento de um esquema de favorecimentos ilícitos na entidade que, iniciado durante a gestão de João Havelange, perduraria até então (2011), sob o comando de Joseph Blatter. Nesta mesma direção, Andrew Jennings, escreve depois o livro “Um jogo cada vez mais sujo”, no qual o autor compra uma briga com a poderosa FIFA, ao revelar como as eleições internas eram manipuladas e como funcionava a compra dos direitos de transmissão e até as negociatas para escolha dos países-sedes da Copa. Em síntese, o livro revelava mais informações sobre os esquemas e negócios do futebol mundial, que vem sendo provadas a partir das investigações do FBI e das prisões de vários dirigentes da entidade (inclusive o brasileiro José Maria Marin).

Essas duas expressões “jogo sujo” e “um jogo cada vez mais sujo”, nos faz pensar sobre as relações imbricadas entre política e esporte; nos faz pensar nas semelhanças entre (a falta de) ética na política e a ética do “fair play” do esporte da FIFA. Neste sentido, quando estão em jogo as Olimpíadas no Rio de Janeiro, convém lembrar que quem estará, provavelmente, como presidente do Brasil é um governante ilegítimo, traidor, que, capitaneado pelos políticos de oposição do Congresso Nacional e Senado (bancadas da “Bola, Bala e da Bíblia”), a classe média, os capitalistas neoliberais da FIESP (classe empresarial) e pela a mídia golpista de sempre (Rede globo de televisão), manchou de vergonha e indignação social a nação brasileira com o golpe jurídico-político-midiático-empresarial contra a democracia.

Grande parte dos membros dessas instituições tem em comum a ideia da política calcada no fetichismo da mercadoria e, conseqüentemente, da política como forma de acumular cargos e riqueza individual. A política, pelo que se viu no espetáculo grotesco, trágico e ridículo, traduzido nas vozes dos deputados no dia da votação do impeachment, não trata da convivência entre diferentes e nem leva em consideração que “os homens se organizam para certas coisas em comum”¹¹, para o bem comum. Pelo contrário o que se viu no dia

10 O termo fortaleceu-se devido à forte presença das empresas estadunidenses *United Fruit Company* e *Standard Fruit*, que dominavam a produção de frutas como bananas e abacaxis nos países do Caribe. Na época, a exportação de frutas era a grande fonte de riqueza destes países. Assim, as companhias tinham grande poder sobre a economia local destes países e quando não respondiam a seus interesses, utilizavam-se da força para garanti-los. Exemplo disso foi quando, em 1910, um barco partiu de Nova Orleans rumo a Honduras com o objetivo de instalar um novo presidente pela força, pois o governo daquele país não cortara nos impostos em favor da companhia. O novo presidente empossado permitiu que a empresa ficasse livre de pagar impostos durante 25 anos.

11 ARENDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, P. 21.

da votação, foi um grande descaso com a “res publica”, isto é, com a “coisa do povo”, com a “coisa pública”.

A política no Brasil virou um “espetáculo” para satisfazer a tirania da mídia televisiva e dos meios análogos, mediada pelas imagens, pela teatralidade e suas “manifestações superficiais e esmagadoras” na chamada “sociedade do espetáculo”.¹² No caso episódio do impeachment da Presidenta Dilma, a mídia (Rede Globo de Televisão, mas não só!), contou “politicamente” com um STF “acovardado”, como bem registrou o ex-presidente Lula em gravações telefônicas criminosamente divulgadas pelo veículo vulgar do golpe, o juiz (?) Sérgio Moro; com deputados, governadores, advogados e senadores, para protagonizar um espetáculo, cujo pano de fundo era poder, dinheiro, para além dos interesses populares e democráticos. Mais ainda, o espetáculo dantesco, expôs o horror proporcionado pelo “freak show” encenado pela Câmara dos Deputados. Durante todo o processo de impedimento da presidenta e naquele momento ficou claro que “estamos diante de uma evidente violação constitucional e, ainda mais, praticada por moralizadores pouco críveis”, isto é, de verdadeiros bandidos, travestidos de “bons moços” e “cidadãos acima de qualquer suspeita”. Quando se fala em sociedade do espetáculo, nesse episódio marcante e histórico na política brasileira, temos que reconhecer que é “impressionante a vulgaridade da mídia

brasileira, que desconhece qualquer ética profissional. Não há fatos, existe apenas a propaganda (...). Grave erro do governo foi não introduzir uma reforma para garantir uma pluralidade da informação”¹³. Isto significa dizer que sem democratização dos meios de comunicação, não poderá haver uma verdadeira democracia.

Na verdade, “foi um “espetáculo público de vexame coletivo, densa experiência da vergonha alheia” cujo “exibicionismo emoldurado no selfie do impeachment em moldura 3x4 sem retoques da escória que a nação Tiririca elegeu”, conforme a fala antes do próprio votar a favor do impeachment: “pela Florentina de Jesus, pela minha irmã Cuculina, pela minha esposa, pela minha amante, pelo meu filho que vai nascer em 2020, voto sim”¹⁴. No fundo, o que está em pauta é o aprofundamento da manutenção lógica do neoliberalismo sem respeitar a regras legais; e tudo isso com a mediação e consentimento de algumas instituições formais, as quais deveriam zelar pelo patrimônio das conquistas já alcançadas em termos de democracia.

Cumprir destacar que o “impeachment como golpe”, como já foi mencionado, representa um dos processos mais antipopulares e antidemocráticos na América Latina nos últimos tempos. Em linhas gerais, poderíamos dizer que esses impeachments antipopulares, tem a mesma pantomima parlamentar que derrubou Fernando Lugo no Paraguai, as manobras políticas empresarias,

12 JASPE, Alselm. **Guy Debord**. Rio de Janeiro; Petrópolis: Vozes, 1999, p.19.

13 D’ALEMA, Massimo. **A chance da esquerda: Entrevista a Mino Carta**. Revista Carta Capital. 27 de abril de 2016, Ano XXII, no. 899, p. 20.

14 BEIRÃO, Nielando. **O selfie do impeachment**. Revista Carta Capital. 27 de abril de 2016, Ano XXII, no. 898, p. 34.

15 COIMBRA, Marcos. **Impeachment como Golpe**. Revista Carta Capital. 4 de maio de 2016, Ano XXII, no. 899, p. 19.

midiáticas (oligarquia midiática) e aparatos judiciais que visam provocar a queda de Dilma Roussef e outros chefes de Estado da América Latina¹⁵. Nestes termos, temos que admitir que “o golpe no Brasil é parte de um projeto de recolonização da América Latina”, capitaneado pelos Estados Unidos, conforme as reflexões de Adolfo Pérez Esquivel¹⁶. Aliás, convém destacar que os Estados Unidos e também a Europa estão esgotando seus recursos e necessitam dos recursos naturais de nossos países – daí a possibilidade em avanço da recolonização¹⁷, principalmente, quando está em jogo a expansão do capital transnacional com interesses nas privatizações a “preço de banana” nas “republiquetas das bananas” (no caso brasileiro, a fortuna do pré-sal!)

Neste sentido, não há acasos nem nenhuma novidade em tudo o que está acontecendo agora contra o governo de Dilma. Todo esse processo faz parte de um projeto de recolonização continental, cujas experiências piloto já em curso no continente devem ser lembradas. A metodologia é a mesma. O que aconteceu em Honduras, com a derrubada de Manuel Zelaya, e depois no Paraguai, contra o governo de Fernando Lugo, foram ensaios de golpes de Estado de um novo tipo, ou seja, que não necessitam dos exércitos. Além desses países, há as tentativas de golpe no Equador, Guatemala, Venezuela e El Salvador. Na prática, basta ter os meios de comunicação, alguns juízes e dirigentes políticos da

oposição para provocar a desestabilização de um governo¹⁸.

Esse projeto, acrescenta Esquivel, “tem como objetivos estratégicos o **controle dos nossos recursos naturais** (grifos nossos) e, como já disse Michel Temer, a **privatização das empresas estatais** (grifos nossos)”. “Esse é o objetivo do golpe de Estado. Caso ele se consume, o país terá um governo com essa agenda que não foi eleito pelo povo”.¹⁹

Caso ele consolide, o Brasil terá um governo que não foi eleito pelo povo, que ficará marginalizado da ação democrática. Como ocorreu em Honduras e no Paraguai, isso terá como consequência uma forte repressão aos movimentos sociais. Essa é a lógica da imposição de uma política regressiva: provocar situações de conflitos sociais e usar a forma repressiva para conter esses conflitos. Já há uma lei antiterrorista aprovada pelo Congresso, proposta e relatada por tucanos, como aconteceu em quase todos os países. Lei que é um instrumento de criminalização dos movimentos sociais. Cumpre lembrar que os movimentos sociais estão muito fragmentados e isso os coloca em uma forte situação de debilidade no enfrentamento com as políticas neoliberais.

A esse respeito, há contraditoriamente uma relação entre golpe e resistência. A história irá dizer, daqui por diante, se na prática política, ironicamente, deve-se à direita a reaglutinação das forças de esquerda²⁰. Essas forças de esquerda, além de ir

16 Adolfo Pérez Esquivel é um arquiteto, escultor e ativista de direitos humanos argentino, agraciado com o Nobel da Paz de 1980.

17 ESQUIVEL, Adolfo Perez. Golpe no Brasil é parte de um projeto de recolonização da América latina. Entrevista para Marco Weisheimer. <http://www.sul21.com.br/jornal/golpe-no-brasil-e-parte-de-um-projeto-de-recolonzacao-da-america-latina/>

18 Ibid.

19 Ibid.

20 AMARAL, Roberto. **Golpe e resistência**. Revista Carta Capital. 27 de abril de 2016, Ano XXII, no. 898, p. 32.

às ruas, já estão se juntando para fazer um debate sobre os caminhos e descaminhos da esquerda brasileira. Nesse movimento de resistência se encontram políticos de diversos partidos de esquerda, estudantes, intelectuais, artistas e representantes de diversos movimentos sociais e sindicais, tais como: MST, MTST, CUT e outros representantes dos movimentos de negros, indígenas, GLBT e outras instituições: CNBB, universidades. Em suma, esse projeto de recolonização terá um impacto negativo muito grande para a população, especialmente para os setores mais carentes; para a classe trabalhadora empobrecida e também para as questões de gênero, raça/etnia.

Na época de obscurantismo que se anuncia, em que o governo golpista do vice-presidente Temer considerou anunciar como ministro da ciência e tecnologia um pastor evangélico adepto do criacionismo, produzir, veicular e ler produções científicas já um ato de resistência, falamos agora brevemente dos textos que compõem a presente edição.

São dez Artigos Originais e oito textos na seção Porta Aberta, que foram submetidos por seus autores e aprovados por nossos avaliadores. Aliás, diga-se de passagem, temos acionado muito nosso corpo permanente de pareceristas e os revisores *ad hoc*, tendo em vista o número crescente de submissões. A eles, nossos sinceros agradecimentos pelo trabalho cuidadoso e voluntário, nem sempre reconhecido pela comunidade acadêmica e, principalmente,

pelas instituições oficiais (Capes, CNPq, programas de pós-graduação), que pautam suas avaliações pelo que é publicado pelos periódicos científicos.

Entre os temas presentes nos artigos publicados, demonstrando mais uma vez a amplitude e a diversidade do nosso campo de estudo, temos trabalhos sobre questões de gênero (para desespero dos pastores e conservadores de plantão!), de saúde, socioculturais, pedagógicas, epistemológicas, financeiras, curriculares, de formação profissional, inclusão social, entre outras.

Em nossa seção de homenagens, expressamos o reconhecimento da Motrivivência ao prof. Amarílio Ferreira Neto, membro do nosso Conselho Científico e presente na história da revista desde a sua fundação.

A LUTA CONTINUA SEMPRE...

Para encerrar esta edição, deixamos as palavras de Esquivel²¹:

Eu sempre digo que sou um pessimista esperançoso. Eu não penso que não há saída para todos esses problemas. Sempre há saídas e possibilidades de mudança, desde que o povo se una. (...) O que me preocupa, no caso do Brasil, são as possíveis repercussões em todo o continente e no mundo inteiro. O Brasil é um país líder, com uma presença importante não só na América Latina. Mas não é para se desesperar. Sempre há possibilidades de mudanças.

E também a poesia lúcida do poeta Mário Benedetti,

21 Ibid. nota 17.

*Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel
você perguntará por que cantamos
cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota
cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta
cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida*

*e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.
(Trecho do poema de Mário Benedetti "Por
que cantamos"?)*

Boa leitura, muito conhecimento e
muita luta cotidiana. É o que desejamos.

Florianópolis, maio/2016.

Maurício Roberto da Silva
Giovani De Lorenzi Pires
Rogério Santos Pereira
Editores